



A realidade da leitura de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental atendidos pelas pibidianas

Célia Patrícia Alves de Oliveira

INTRODUÇÃO

Esse trabalho relata experiências vivenciadas pelas pibidianas que participam do Subprojeto Alfabetização e Letramento: leitura e escrita, na Escola Municipal Afonso Salgado. O grupo acompanha os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, que apresentam baixo rendimento escolar com grandes dificuldades na leitura.

O principal foco deste é o melhoramento do desempenho da criança na escola, no que se diz respeito à aprendizagem, e estimular o hábito e o interesse pela leitura. Para isso um estudo mais aprofundado vem sendo realizado para que se possa entender se a leitura tem sido algo eficiente e acompanhada pelas crianças com real interesse, assim descobriremos os fatores que possam ajudar ou atrapalhar nesse desenvolvimento.

Sabemos que tratamos de um assunto a muito discutido, mas que, ainda hoje, continua afligindo o cotidiano de professores de todas as modalidades de ensino.

DESENVOLVIMENTO

Para planejamento da intervenção, no primeiro momento foi necessário buscarmos a compreensão do que significa ler, o que entendemos por leitura, baseando em vários autores que discutem sobre o tema, como ANTUNES (2003), ALBUQUERQUE (2007), BARBOSA; SOUZA (2006), LEAL (2006), SMITH (1989).

No segundo momento aconteceu o nosso primeiro contato com as crianças inseridas no PIBIB. Foi preciso saber o que elas compreendiam por leitura, e em que situação a mesma ocorria em seu cotidiano. Para facilitar o diálogo questionamos sobre a importância da leitura para elas, quando fazem uso dela, se em casa o uso acontece. E ainda que cada uma falasse se tem gosto pela leitura e se a escola proporciona o contato delas com a mesma.

Diante das questões elas responderam que é importante ler, porque podem fazer as coisas que são pedidas na escola, que leem quando estão na escola, e quando levam um livro para casa esquece-se de ler. Não gostam de ler quando os textos são grandes, porque esquecem o que leram antes. Disseram, ainda, que em casa a mãe chega tarde do trabalho, por isso não lê. E que os pais não sabem ler o que precisa na escola, que tem livros na sala, mas preferem os bem fininhos e pequenos com mais ilustrações.

Embora possamos perceber pelas respostas das crianças que todos têm interesse pela leitura, eles não conseguem reconhecê-la como prática social, ou seja, não a relacionam com o fazer do dia-a-dia. Lemos a todo o momento, lemos a placa na rua, a imagem na televisão, a capa da revista, o livrinho de história. A leitura está sempre ligada a um fazer escolar, reafirmando a ideia de que ler é um instrumento escolar.

Para planejar atividades adequadas aos alunos do 5º ano foi necessário aplicar um teste diagnóstico, através do qual se pode perceber que os alunos não conseguiam ler com fluência, realizando a leitura de palavras sem concluir uma sentença, não compreendiam o texto, ou parágrafo após a leitura. O que indica a causa dos alunos apresentarem dificuldades tanto na leitura, quanto na interpretação dos textos.

O que nos fez pensar em Albuquerque (2007) que nos mostra que se pode relacionar a esse processo de leitura como decodificação a um processo de alfabetização com ênfase na repetição e na memorização de letras, sílabas e palavras sem significados. Pode-se ainda apontar a esse fracasso a não vivência no ambiente familiar da leitura como prática social, como uso diário da leitura: de prazer, de localização, de entendimento, de objetivo.

A leitura ainda é restrita ao contexto escolar, embora tenham indicado outras formas de leitura, como o livro para recontar, o texto para ler para os colegas, os mesmos não conseguem fazer com frequência. Ao serem questionados porque não liam muito, responderam que não sabiam ler, quando era grande esqueciam. O que podemos concluir como indicadores de dificuldades no entrave da leitura na escola e fora dela

Pensando na leitura como interação Barbosa e Souza (2006) apontam diferentes concepções de leitura, o que nos corrobora a ideia de leitura que ainda é ministrada nas escolas, muitas vezes, distante da prática social desvinculada da realidade do mundo da escrita, como apontam uma visão reducionista do texto, entendendo a leitura como decodificação dos signos verbais. Nesse caso o leitor encontra-se à margem do processo de leitura, sem relacionar-se ao texto ou de referenciá-lo a sua prática social.



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Smith (1989) afirma que, a leitura deve trazer ao leitor a condição de poder avaliar a sua posição de mundo todo momento. Conforme sua compreensão pode ser considerada como fator que relaciona aspectos relevantes do mundo à nossa volta, as intenções, conhecimento e expectativa que já possuímos em nossas mentes. Ainda para ele o que aprendemos é o resultado das interações realizadas, é a modificação do que sabemos.

Ao pensarmos que a experiência de leitura desses alunos não desenvolve de forma positiva no ambiente fora da escola, pois tem em sua família pais que não fazem da leitura uma vivência, uma rotina. Seria a escola o espaço de percepção, de construção desse conceito da leitura, dessa habilidade. Deve-se levá-los a compreender que a leitura tem função de comunicar, de informar, de divertir, de localizar, de deleitar-se. Mostrar ao leitor que ao ler um texto você tem uma intenção.

Barbosa e Souza (2006) apontam que é a experiência do leitor com o texto é que dará a ele a compreensão. Colocam ainda que diferentes processos e estratégias e o grau de familiaridade do leitor com o texto pode intermediar o processo para melhor realizar a leitura, dentro do processo de compreensão esperado. O que Antunes corrobora ao afirmar que,

Diferentemente das práticas escolares de leitura, essas práticas de letramento em família e na comunidade são, às vezes, surpreendentes na forma como criam, para os leitores, as condições necessárias à construção do sentido da leitura através de experiências vivas e interativas. É dessa forma que a leitura alcança, de fato, a acepção de atividade de interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor (ANTUNES, 2003, p. 66).

Ao deparar com alunos no 5º ano do Ensino Fundamental sem condições de realizarem uma leitura eficaz, pode-se pensar que a escola não cumpriu sua função de ensinar a ler e escrever efetivamente. Diante dos problemas apontados e das concepções de leitura que acreditamos ser importante para possibilitar a construção de habilidades de vivência em prática de leitura efetiva desenvolvemos estratégias dentro do Subprojeto Alfabetização e Letramento: leitura e escrita, para buscar soluções e ressignificar o quadro encontrado na escola. Então, torna-se necessário ratificar que no contexto escolar, o que se percebe, são alunos desmotivados, sem interesse pelo ato de ler, limitando-se a ser apenas meros decodificadores de letras, especificamente leitores passivos.

É considerável o número de crianças que não conseguem aprender a ler e escrever nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse problema vai se estendendo aos anos posteriores por conta do modelo de progressão continuada adotado pela maioria das escolas. Atualmente, nota-se que alunos tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, têm apresentado cada vez mais dificuldades nos processos de leitura e escrita, isto deve ao fato de que eles apresentam um alto grau de desmotivação, e cabe aos educadores que se conscientizem sobre sua prática de ensino e incentivar a adotarem uma metodologia centrada em uma abordagem interacionista que leve em consideração não só o seu conhecimento, mas o conhecimento de mundo do próprio aluno.

Portanto acreditamos que uma das razões que tem contribuído para esse fracasso, relaciona-se ao fato de que a leitura é trabalhada, apenas, como método avaliativo, isto é, a leitura torna-se avaliação com a função de verificar se o aluno ler bem, se apresenta alguma dificuldade em determinadas palavras, limitando o conhecimento dos alunos à gramática, verificação de nomenclaturas, concordância, ou seja, desmerecendo o sentido que pode ser dado ao texto a partir de seu conhecimento cognitivo, e pelo próprio texto.

Kleiman (2000) apud Gomes e Souza (2010, p. 5) nos mostra três concepções que a escola tem de leitura,

Como avaliação a leitura, em que essa deve ser feita em voz alta para verificar se a pontuação e a pronúncia estão corretas ou por meio de resumos, relatórios, preenchimento de fichas. Numa concepção autoritária de leitura a interação, que pressupõe existir somente um meio de abordar o texto, e uma interpretação a ser dada. A leitura como decodificação, na qual as atividades se restringem ao reconhecimento de palavras idênticas no texto, nas perguntas ou comentários.

Ainda segundo Kleiman (2000), esta prática tem desmotivado o interesse do aluno pela leitura, pois os deixa inibidos, principalmente se for feita em voz alta, avaliando também o domínio da língua padrão, com isso o aluno fica ressentido e acaba perdendo o gosto pelo ato de ler. Portanto, ele compreende que a leitura é uma atividade, pela qual serão avaliados mediante este aspecto e não como um exercício que deveria proporcionar prazer, conhecimento e



FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

construção de um pensamento crítico e assim dessa forma surgiria uma leitura mais fluente. Com práticas que atuam colaborando para uma leitura capaz de despertar interesse além da formação de um leitor crítico e para a própria transformação dessa escola, que ensinará a pensar a mais genuína função do ler e do escrever, capaz de transformar e oferecer condições de cidadania e responsabilidade social a todos os que participem dela.

Na perspectiva de construir o sentido da leitura como interação listou-se os seguintes objetivos ao desenvolver os trabalhos com os alunos como: observar o nível de conhecimento prévio de cada aluno, verificar a importância da leitura para as crianças, estimular o gosto pela leitura, desenvolver habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sua comunidade, do seu ambiente familiar e incentivar a utilização da leitura como aproximação dos pares, como forma transformadora, criativa e crítica.

METODOLOGIA

Para Smith (1989) a leitura é carregada de pensamentos, não diferenciada de qualquer outro ato de pensar, exceto que, para a leitura o pensamento deve focalizar-se no texto escrito. Assim, ele aponta algumas condições para a leitura como conhecimento prévio, a inferência, a experiência, a exercitação e a metacognição.

Diante, desses apontamentos buscou-se estabelecer estratégias de ensino que possibilitassem aos alunos uma condição de leitor eficiente, como dito anteriormente. Para tanto utilizou-se estratégias de leitura descritas no livro “Práticas de Leitura”, tendo como base o texto de Ana Carolina Perrusi Brandão. “*O Ensino da Compreensão e a Formação do Leitor: explorando as estratégias de leitura*”.

Os alunos relacionam-se com diferentes gêneros textuais poemas, contos, receitas, notícias, pois os textos possuem formatos discursivos próprios que objetivam a finalidade da leitura e sua intencionalidade. Assim os alunos aprendem a diferenciar as suas características e dessa forma compreender qual o objetivo da leitura.

O trabalho é realizado tendo como base as estratégias de localizar informações que são úteis à compreensão do texto. A predição, a antecipação, o levantamento de hipóteses e as inferências. Outras atividades são executadas como recurso à construção das habilidades de leitura que devem ser efetivadas com os alunos como a leitura pelo prazer de ler, a leitura para o outro, na qual trabalhamos as habilidades de fluência, entonação, a leitura de textos fora do ambiente escolar para que o aluno perceba a finalidade e o uso da leitura como atividade social. Não perdendo o foco da interação e da compreensão.

É entregue o mesmo texto a dois alunos, antes de lerem o texto é pedido para lerem o título e levantarem hipóteses do que o texto irá tratar. Essas hipóteses são escritas no quadro. Lê-se então o primeiro parágrafo do texto e as previsões são contrastadas e novas previsões são feitas. Durante todo o texto as crianças testam e levantam hipóteses. Ao finalizarem a leitura e feita uma discussão sobre o texto, sempre questionando os alunos sobre os posicionamentos do autor do texto, qual relação pode ser feita com os conhecimentos que eles possuem sobre o assunto. Em muitos textos depois é sempre apresentado outra forma textual que aborda o mesmo assunto do texto anterior como tirinha ou charge e qual a relação entre eles. Qual é o objetivo do autor, qual a opinião deles em relação ao assunto, baseando-as sempre nos argumentos do texto.

Após a leitura os alunos escrevem sobre o texto lido, resumindo as informações que consideraram relevantes e dando a opinião deles sobre o assunto. Mesmo de forma coletiva, tendo o estagiário muitas vezes como escriba, os alunos treinam a produção de parágrafos.

RESULTADOS

Ao iniciar a pesquisa pode-se observar que os alunos atendidos não realizavam leitura fluente com compreensão. Dentre os oito alunos, todos apresentavam leitura pausada de palavras, além de uma grande resistência para ler e falar sobre o que leu, mas principalmente o receio de ler.

Após a iniciação dos trabalhos com estratégias como a previsão, a antecipação, a discussão por partes, dos textos trabalhados consegue-se perceber que a aproximação esperada; a interação texto-leitor, já é um passo superado. Os alunos arriscam palpites, levantam hipóteses e confrontam com o par. O trabalho com os alunos acontece em dupla. O primeiro resultado que podemos apontar é a aproximação com o texto. O medo de interagir com o texto foi a primeira barreira a rompida.

A segunda observação é em relação à leitura pausada. As crianças no início das atividades não conseguiam ler sentenças completas. Hoje, a leitura acontece com fluidez. Essa comprovação vem da professora da sala que relata



FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

24 a 27 setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

como os alunos cresceram em relação à leitura segura, todos levantam o dedo para continuar a leitura dos textos na sala, o que não acontecia anteriormente.

Em relação à compreensão dos textos lidos, os resultados ainda são parciais. Das oito crianças atendidas, somente três apresentam leitura efetiva, ou seja, já conseguem compreender o texto, fazer inferências. Pode-se considerar que esse resultado é positivo, tendo em vista as dificuldades apontadas no início.

Para o trabalho com compreensão de leitura continuamos utilizando tirinhas e textos curtos, sempre prevalecendo, a antecipação, o conhecimento prévio, levantamento de hipóteses e inferências para alcançarmos um resultado positivo no final do ano com todas as crianças envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a leitura é indispensável para o processo de escolarização, e suas dificuldades podem provocar consequências negativas na aprendizagem de todas as outras áreas do conhecimento além de causar o desinteresse e a baixa auto-estima.

Portanto é preciso criar condições para que os alunos desenvolvam capacidades que atendam às diferentes finalidades de leitura dentro e fora da escola. Perceber a função da leitura para determinadas situações já é o primeiro passo para desenvolvimento das práticas. Despertar a leitura por prazer leva o aluno a buscar sempre novas leituras.

Ao desenvolver o trabalho de intervenção com os alunos foi observado que, quando não é atribuída à leitura a função social, o processo para a construção de um leitor eficiente pode ser difícil. Ainda assim, é preciso conduzir o aluno na construção das habilidades necessárias ao ato de ler.

Sabemos que ler é uma prática social usada em todo momento com diferentes funções e objetivos. Pode-se perceber um interesse maior dos alunos que participam da intervenção, fazendo previsões a partir do título com maior segurança, com maior interesse nos livros literários lidos em sala de aula.

O processo com os alunos ainda não finalizou, está apenas começando. Mas a leitura dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Afonso Salgado vem deixando de ser uma dificuldade e se apresentando como uma transformação possível na realidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de, Conceituando alfabetização e letramento. 2007. IN: SANTOS, Carmi Ferraz e MENDONÇA. Márcia (Org.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARBOSA, Maria Lúcia Ferreira de Figueirêdo; SOUZA, Ivane Pedrosa de. Sala de aula: avançando na concepção de leitura. IN: **Práticas de leitura no Ensino Fundamental**. _____; _____ (Org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KLEIMAN, Ângela B. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7.ed., Campinas, SP: Pontes, 2000.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.